

sem sombra de dúvida, uma das vitórias já registradas na ainda breve história da nossa jovem instituição. Tal é o seu significado e de tal importância os seus resultados, que muito tempo não teremos de esperar, para sentirmos, concretas, as suas conseqüências, no que entendemos com as atividades que têm por fim oferecer aos brasileiros o retrato fiel do território em que vivemos, através de ségura informação sobre a sua extensão e suas particularidades geomórficas e pelas quais responde o Conselho de Geografia

Certamente, não basta, para alcançarmos o inteiro domínio do ambiente em que evolui o povo brasileiro, cujo progresso, cuja civilização, cuja felicidade, cujo destino superior é o nosso fanal, não basta, repito, que estejamos inteiramente a par das mininidades fisiográficas do nosso *habitat*. É indeclinável que completemos essas informações com o estudo metuculozo do conteúdo d'ele. Não deslembramos esta noção, e é sob a sua inspiração que também aqui estamos, nós outros dos setores estatísticos, para reafirmar a V. Excia. a disposição em que nos mantemos de cooperar com redobrado esforço para a consecução d'esses objetivos, certos de que, orientados pela sua experiência de administrador, de diplomata, de estadista, não falharemos no desideratum de fazer o Brasil conhecido e, portanto, amado, por ser o amor a suprema expressão do conhecimento.

Sr. embaixador: Momentos antes de uma das últimas reuniões da Comissão Censitária, o respectivo presidente e eu admirávamos a caixa que contém o pergaminho motivo desta festividade. Estava, porém, vazia a caixa, e não atinávamos com o destino que lhe estaria reservado. Conformei-me com a minha falta de imaginação, considerando que dentro de poucos minutos chegaria alguém que nos es-

clarecesse completamente sobre a origem e razão de ser do lindo objeto. O mesmo não aconteceu, porém, com o eminente cientista que, inverterado pesquisador, teria, quando nada, de formular uma hipótese: "primorosa caixa, bem digna de conter uma comenda das nuvens propícias".

Falhou a conjectura: V. Excia. não é, ainda, Grande Oficial da celebrada ordem honorífica do ex-Celeste Império.

Nossos sentimentos se concentram, todavia, no esperançoso desejo de que em nuvens propícias se transformem os votos mais calorosos que formulamos e de que elas jamais se afastem de sobre o lar venturoso de V. Excia., que pairam sempre no céu do Instituto".

O Prof. FERNANDO ANTÔNIO RAJA GABAGLIA, como presidente da Comissão Organizadora do X Congresso Brasileiro de Geografia, últimamente realizado nesta capital, presidido também pelo embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, ofereceu, igualmente, a este, uma medalha comemorativa daquele certame nacional, tendo discursado enaltecendo a atuação do homenageado durante a realização do referido Congresso.

Discursou, após, em agradecimento, o Sr. embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES que, em sua oração pôs em relêvo a atuação da Delegação Brasileira à II Reunião, dizendo, em resumo, que graças à alta competência técnica e a operosidade dos signatários daquele pergaminho pôde dirigir, com êxito, os trabalhos da Reunião, quer os de organização, quer durante a realização dos mesmos. Também agradeceu tôda a cooperação prestada aos trabalhos do X Congresso Brasileiro de Geografia.

Agradecendo tão significativa homenagem declarou S. Excia. que guardaria o pergaminho ofertado como um documento de família, dados os laços de fraterna amizade que o unia a todos quantos firmaram aquêle documento.

AMAZÔNIA BRASILEIRA *

Acaba de ser pôsto em circulação o volume *Amazônia Brasileira*, especialmente editado como contribuição do Conselho Nacional de Geografia ao X Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em setembro último nesta capital.

* "Amazônia Brasileira" (Excerptos da "Revista Brasileira de Geografia") — Edição do Conselho Nacional de Geografia por ocasião do X Congresso Brasileiro de Geografia, realizado no Rio-de-Janeiro em setembro de 1944 — Oficinas Gráficas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Rio de Janeiro, 1944

Contendo 479 páginas ricamente impressas em excelente papel e profusamente ilustrado com nítidas fotografias e mapas, alguns destes fora do texto, o livro reúne excerptos da *Revisita Brasileira de Geografia*.

Encerrando substanciosos estudos do mais alto teor científico e oportunas informações acêrca da região amazônica, um e outros firmados por autorizados especialistas, a obra foi acolhida com justificada curiosidade nas altas camadas culturais, especialmente nos

meios geográficos, restando, por isso poucos exemplares da sua edição comemorativa daquele certame

Seu extenso sumário, que a seguir transcrevemos, bem atesta a importância de tão importante obra

ARTIGOS: PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS — *Discurso do Rio Amazonas*, SÍLVIO FRÓIS ABREU — *O Solo da Amazônia*; PEDRO MOURA — *O Relêvo da Amazônia*, JOSÉ CARLOS JUNQUEIRA SCHMIDT — *O Clima da Amazônia*; DELGADO DE CARVALHO — *O Rio Amazonas e sua Bacia*, AMÍLCAR A BOTELHO DE MAGALHÃES — *Do Rio Amazonas e da Pororoca*, JACQUES HUBER — *Contribuição à Geografia Física dos Furos de Breves e da Parte Ocidental de Marajó*, A J SAMPAIO — *A Flora Amazônica*, CÂNDIDO DE MELO LETTÃO — *Fauna Amazônica*, MOACIR M. F SILVA — *Alguns Animais Curiosos da Amazônia*; LUÍS DE SOUSA MARTINS — *Notas sobre a Geografia da Amazônia*, JAGUARIBE DE MATOS — *Genêrizes Memoráveis da Geografia do Brasil*, VIRGÍLIO CORREIA FILHO — *Devassamento e Ocupação da Amazônia Brasileira*, LIMA FIGUEIREDO — *Fronteiras Amazônicas*, MOACIR M. F SILVA — *Geografia das Fronteiras no Brasil*; VIRGÍLIO CORREIA FILHO — *Evolução Cultural e Religiosa*; ARAÚJO LIMA — *A Exploração Amazônica*, GASTÃO CRULS — *Impressões de uma Visita à Companhia Ford Industrial do Brasil*, AMÉRICO BARBOSA DE OLIVEIRA — *Considerações sobre a Exploração da Castanha no Baixo e Médio Tocantins*, MOACIR M. F SILVA — *Transportes na Amazônia*, LIMA FIGUEIREDO — *O Acre e suas Possibilidades*, SÍLVIO FRÓIS ABREU — *Observações sobre a Guiana Maranhense*

VULTOS DA GEOGRAFIA AMAZÔNICA RIO BRANCO, ORVILLE A DERBY, CHARLES FREDERIC HARTT, HENRI ANATOLE COUDREAU, ALCIDES D'ORBIGNY, TORQUATO TAPAJÓS, LOUIS AGASSIZ, BARBOSA RODRIGUES, VON MARTIUS, ALFRED RUSSEL WALLACE, JULES NICOLAS CREVEAUX, THEODOR KOCH-GRÜNBERG, SILVA COUTINHO, BARÃO DE LADÁRIO, LA CONDAMINE, EUCLIDES DA CUNHA

TIPOS E ASPECTOS DA AMAZÔNIA *Trechos de um Rio na Amazônia*, *Vaqueiro de Marajó*, *Campos do Rio Branco*, *Vaqueiro do Rio Branco*, *Arpoadores de Jacarés*, *Seringueiro*, *Castanhais*, *Gaiolas e Vaticanos*, *Regatões*.

BIBLIOGRAFIA AMAZÔNICA. CARLOS PEDROSA — *Bibliografia Amazônica*, AMÍLCAR BOTELHO DE MAGALHÃES — *Achegas para uma Bibliografia da "Pororoca" Amazônica*

* * *

Depondo sobre a obra *Amazônia Brasileira*, o professor PIERRE MONBEIG, lente de Geografia da Universidade de

São Paulo publicou acerca da mesma extenso artigo* que, pela sua oportunidade passamos a transcrever

" Hoje quero chamar a atenção para uma notável publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Trata-se de um grosso volume de 479 páginas, dedicado à Amazônia brasileira e que enfeixa uma série de trabalhos estampados nos últimos anos pela *Revista Brasileira de Geografia*. Sabese que o X Congresso Brasileiro de Geografia, deveria realizar-se em Belém do Pará e, nessa eventualidade, o Conselho Nacional de Geografia quis render homenagem aos Estados do Brasil setentrional, trazendo a lume vários artigos sobre eles. As condições deste tempo de guerra não permitiram aos geógrafos brasileiros reunir-se sob o Equador, mas o Conselho teve a feliz idéia de juntar num livro acessível os estudos de seus colaboradores. Como muitas vezes tenho dito e repetido que à bibliografia geográfica nacional faltam estudos regionais, é com vivo prazer que saúdo a iniciativa do presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, S. EXCIA o embaixador José CARLOS DE MACEDO SOARES, graças ao qual essa grave lacuna se encontra preenchida, ao menos em parte.

Seria justo salientar de início a magnífica apresentação do livro: a impressão, os mapas, as ilustrações, perfeitos sob todos os aspectos, honram o Serviço Gráfico do I B G E. Mais importante ainda, porém, é a qualidade do texto. Muito amiúde a geografia amazônica tem fornecido pretexto para se escreverem trabalhos pseudo-científicos. nesses volumes o leitor deve ingerir uma forte dose de literatura mais ou menos boa, antes de encontrar alguns documentos sérios, precisos e de indiscutível interesse científico (do ponto de vista geográfico, naturalmente, pois, não se pode ignorar as publicações que concernem à flora ou à fauna e alguns estudos geológicos). As obras de LE COINTE já são antiquadas, pelo menos quanto à vida econômica.

Graças ao I B G E, contamos enfim com uma publicação positiva, obra de homens que não somente na maior parte conhecem diretamente a Amazônia, mas ainda a percorreram em todos os sentidos para suas investigações científicas, com uma clara mentalidade de pesquisadores. Nomes como os de FRÓIS ABREU, A J SAMPAIO, ARAÚJO LIMA, GASTÃO CRULS, DELGADO DE

* Apreciação publicada no *Correio Paulistano*, editado na capital de São-Paulo

CARVALHO, JAGUARIBE DE MATOS, LIMA FIGUEIREDO e outros são garantias mais do que suficientes Encerrando tôda a obra colaboração que não foi previamente organizada e cuidadosamente supervisionada, acham-se por vêzes repetições ou contradições entre os diferentes autores (por exemplo a interpretação do fenômeno climático conhecido sob o nome de friagem não coincide na pena de dois escritores que dêle se ocuparam). Estes são defeitos de importância mínima, que não impedem ser o livro de que estamos cuidando único em seu gênero.

Nêle se acharão indicações sobre quase todos os aspectos da geografia amazônica. Todavia, parece que a geografia física foi a melhor aquinhoada. Um artigo de excepcional valor, da autoria de CARLOS JUNQUEIRA SCHMIDT, analisa o clima amazônico com uma série de eloqüentes gráficos, se tal clima é quente e úmido em seu aspecto geral, não deixa de oferecer matizes regionais e mesmo locais muito mais ricos do que habitualmente se supõe. Conforme a posição em latitude, a proximidade do Oceano, a situação com referência ao relevo, os traços climáticos atenuam-se ou carregam-se; estações secas mais ou menos límpidas podem diferenciar-se como nas savanas tropicais do Rio-Branco, que contudo se localizam a dois graus de latitude. Uma Amazônia mais rica de nuances, e mais variada nas possibilidades que apresenta aos homens, surge do trabalho de JUNQUEIRA SCHMIDT.

A mesma impressão se colhe da leitura do original artigo que o geólogo PEDRO DE MOURA consagrou ao relevo. Nessa imensa região amazônica, onde os acidentes do relevo são de fraca envergadura, as mínimas diferenças de altitude não são desprezíveis, pois determinam variações locais de apreciáveis consequências sobre a vegetação e o povoamento. Com o auxílio de um simplicíssimo esquema, PEDRO DE MOURA acentua a distinção entre os diferentes elementos da topografia amazônica: a planície amazônica propriamente dita, com suas várzeas e seus igapós, depois a zona dos "tesos", que dominam por alguns metros a planície inundável e enfim o platô da terra firme, que cobre a maior parte da região. É preciso salientar aqui esta observação do geólogo brasileiro "Lançam-se idéias falsas e lugares comuns constantemente repetidos de que a Amazônia é a terra mais nova do planeta, ganhando em esferas

literárias o cognome de "terra imatura". Nada mais falso, pois apenas a planície de inundação, que constitui pouco mais de 1% da Amazônia é terra nova, imatura". (Pág. 16)

Pergunta-se que se deve entender exatamente por Amazônia. A definição oficial, que precisamos seguir nos cursos de geografia dos ginásios e colégios, limita a Amazônia às fronteiras dos Estados do Pará e Amazonas com os territórios adjacentes (Acre, Guaporé, etc.). Ora, a região, tal como a concebem JUNQUEIRA SCHMIDT e PEDRO DE MOURA, traspassa essas fronteiras administrativas, uma carta indica o limite meridional em Mato-Grosso, enquanto que a linha dêste mesmo limite, retira a parte sul do Estado do Pará da região geográfica amazônica. As estações climáticas analisadas conduzem-nos muito profundamente ao território goiano. É claro que os homens de ciência, trabalhando na realidade, não puderam dobrar-se ao imperativo das fronteiras políticas, cujas linhas são freqüentemente arbitrárias, lamenta-se, porém, que não se tenha especialmente incumbido um dos colaboradores do Conselho Nacional de Geografia de precisar os limites geográficos da Amazônia brasileira.

Um dos artigos mais sugestivos em matéria da geografia humana é certamente o de VIRGÍLIO CORREIA FILHO, que recebeu o encargo de tratar do "devassamento e ocupação da Amazônia". Graças a êle, o leitor pode acompanhar as fases da descoberta e da exploração da bacia amazônica brasileira, bem como compreender o papel dos diferentes elementos de povoamento. Um mapa ilustra de modo surpreendente a localização dos homens à margem dos cursos de água, assim como a densidade relativamente forte a este de Belém-do-Pará; mostra igualmente a atração desigual que os rios exerceram, não apenas entre si, mas também, segundo os casos, entre os cursos inferiores e os superiores. Um estudo mais detalhado que comparasse esta carta do povoamento com as do relevo e da geologia levaria à compreensão precisa das relações entre as diferentes ordens de fatos.

Ao lado das páginas que ARAÚJO LIMA consagrou ao exame da exploração amazônica e do artigo em que GASTÃO CRULS descreve as planificações de borracha da "Companhia Ford Industrial do Brasil", um lugar de relevo deve ser concedido ao trabalho de AMÉRICO BARBOSA DE OLIVEIRA sobre a colheita de castanhas no baixo e no médio Tocan-

tins sendo o único verdadeiro estudo de gênero de vida que figura no volume, é apesar disso dos mais interessantes. Mostra de modo pitoresco, mas não abusivamente literário, a curiosa vida da cidadezinha de Marabá, centro comercial dos castanheiros, "acampamento a ser levantado quando se avizinhar uma grande enchente". (Pág. 280). A qualidade dessa breve nota faz lastimarmos ainda mais que não exista nada de semelhante sobre os gêneros de vida da pesca, dos criadores da ilha do Marajó ou dos campos de Rio-Branco. Esta ausência compensa-se em parte com as gravuras de PERCY LAU que encerram o livro, seguidas de textos bem redigidos, que revelam ao mesmo tempo os conhecimentos e as qualidades didáticas de seus autores. São eles os jovens geógrafos do Conselho Nacional de Geografia, discípulos de DELGADO DE CARVALHO e dos geógrafos franceses que ensinaram na Faculdade Nacional de Filosofia. As notícias de FÁBIO MACEDO SOARES GUIMARÃES, de LÚCIO DE CASTRO SOARES e de JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, que escreveu a maior soma delas, definem em duas ou três páginas os aspectos essenciais dos gêneros de vida amazônicos.

Quanto ao próprio rio, senhor dessa vasta região, confiou-se sua descrição ao professor DELGADO DE CARVALHO, que soube evitar a monótona enumeração dos nomes de afluentes e sub-afluentes. Analisou com igual segurança o mecanismo da interferência, isto é, da troca dos afluentes das duas margens, provenientes dos dois hemisférios, e cujas enchentes, divergindo entre si, trazem alternadamente suas águas abundantes ao rio principal. Um estudo do geógrafo francês PARDÉ mostrou a posição do Amazonas, de certo modo paradoxal, entre os tipos de rios. Apesar

de correr bem perto do Equador, o Amazonas não possui um regime hidrográfico que permita sua completa assinalação aos outros cursos de água também localizados na zona equatorial, como o Congo, de que difere sensivelmente, a despeito da analogia que ambos possuem. O regime amazônico é mais tropical do que equatorial, pois a bacia acha-se muito mais submetida à ação dos afluentes da direita do que à dos tributários do norte. Os primeiros são maiores, mais caudalosos, e como possuem suas fontes e uma parte de seu curso nas zonas de clima tropical, fazem inclinar-se nesse sentido o conjunto do sistema hidrográfico. Isso explica que em lugar de rolar constantemente o mesmo volume de água por todos os meses do ano, como se poderia crer *a priori*, baseando-se na regularidade de suas chuvas e no sistema de troca dos dois grupos de afluentes (norte e sul), o Amazonas oferece a alternativa típica dos rios tropicais: um período de baixa e um período de enchentes. Quer dizer que o ritmo desse rio equatorial é idêntico ao das chuvas nas latitudes tropicais.

A bela publicação do I B G E completa-se de maneira feliz com os retratos dos grandes sábios que mais contribuíram para o conhecimento científico da Amazônia: estrangeiros como KOCH-GRÜNBERG, LA CONDAMINE, AGASSIZ, MARTIUS, CONDREAU, D'ORBIGNY ou WALLACE e brasileiros como BARBOSA RODRIGUES ou SILVA COUTINHO, cuja obra sobre a Amazônia encontrou continuadores. O esforço do Conselho Nacional de Geografia ajudará a fazê-la melhor conhecida do público brasileiro e é desejável que outros volumes o sigam, a fim de que progreda o conhecimento geográfico de todas as regiões naturais do Brasil. A essa empresa não faltarão incentivo e aplausos."

BIBLIOGRAFIA TÉCNICO-CIENTÍFICA DE ARROJADO LISBOA

- 1897 — *A região aurífera do rio Gurupi e sua geologia* — (Inédito).
- 1898 — *O manganês no Brasil* — Brochura, 48 págs — Rio-de-Janeiro
- 1898 — *O manganês no Brasil*. — "Journal do Comércio", 19 de junho, Rio-de-Janeiro
- 1899 — *Le manganèse au Brésil*. — "Annales des Mines, 9e. serie, Memoires, XV, 115-123, 8.º, Paris
- 1898 — *Les manganèses du Brésil* — "Revue Universelle des Mines", 42e année, 3e serie, XLIV, 4e 1 - 22, Liège, Belgique
- 1899 — *Über die manganerzgruben in Minas Gerais, Brasilien* "Zeitschrift für praktische Geologie", Juli Berlin Extrato por EUGEN HUSSAK — Resumo no "Iron and Steel Institute", LV. 293, 294, London
- 1928 — *A indústria de ferro em Minas e seus impostos absurdos*. "Jor-